

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O NEOPENTECOSTALISMO E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Maria do Carmo Gomes Pereira Cavalcanti(UNICAP)

carmingpc@yahoo.com.br¹

Claudemir dos Santos Silva(UNICAP)

claudemirsilva711@gmail.com²

RESUMO: Este artigo pretende identificar alguns efeitos de sentido na prática discursiva neopentecostal no aspecto referente à Teologia da Prosperidade (TP), bem como, analisar as consequências das práticas alienantes do sujeito pístico mobilizado pelas promessas de saúde integral, prosperidade e felicidade. Devido à amplitude do assunto e seus vários aspectos este trabalho só enfocará a oferta de dízimos e ofertas atrelados à TP. Tendo em vista que a religião é constituída por ideologias e estas se materializam nos discursos, é relevante um olhar interpretativo sobre como o Neopentecostalismo consegue a adesão cada vez maior de fiéis à sua doutrina que apresenta como principais pilares, a fé e a obediência rumo a uma vida próspera, feliz, e com saúde integral. Utilizaremos como *corpus* discursivos algumas falas da entrevista do Bispo Edir Macedo e do Pastor Caio Fábio, com uma severa crítica do último à prática vivenciada pela TP nas IURD do supracitado Bispo. Neste estudo, destaca-se ainda, a realização de uma revisão bibliográfica tendo como viés epistemológico a Análise de Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux e desenvolvida aqui no Brasil por Eni Orlandi e outros estudiosos, pois enquanto instrumento teórico-metodológico funcionará como ancoragem dos pressupostos e abordagens desenvolvidas ao longo do trabalho.

Palavras-chaves: Neopentecostalismo, Prosperidade, Discurso.

Introdução

O Neopentecostalismo é uma vertente de movimento evangélico que surgiu no Brasil no final da década de 70, ganhando força na década de 80. Mesmo absorvendo práticas do Pentecostalismo, seus sentidos foram distintos. Ampliou-se a noção de cura, considerando-a integral no aspecto psicofísico e o milagre tomou uma nova forma, com a inserção do sujeito pístico no bem-estar intramundano, ajustando-o à realidade da sociedade de consumo.

¹- Mestranda do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), bolsista FACEPE e Professora da Rede Municipal do Recife.

²- Mestrando do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), bolsista da CAPES/PROSUP.

Este artigo pretende identificar alguns efeitos de sentido na prática discursiva neopentecostal e sua relação com a Teologia da Prosperidade (TP), bem como analisar as consequências de práticas alienantes do sujeito pístico mobilizado pelas promessas de saúde integral, prosperidade, felicidade. E, para isso, teremos como ancoragem, isto é, procedimento teórico-metodológico para subsidiar as análises dos *corpora* discursivos, a Análise de Discurso de linha francesa (AD), fundada por Pêcheux e reterritorializada aqui no Brasil por Orlandi e outros seguidores.

De acordo com Orlandi (1999), a AD visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos e, logo, iniciamos o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, “pois a AD tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 1999, p.66).

Pêcheux (1993), para a criação da AD, na década de 60-70, realiza rupturas com as pesquisas estruturalistas que viam a língua apenas como um veículo para a comunicação, limitada em si mesma, mas busca analisá-la a partir de aspectos que vão além do ato comunicativo, ou seja, aprofunda-se nos aspectos extralinguísticos do discurso, a fim de chegar à construção de sentidos no contexto social, histórico e ideológico, no qual um determinado enunciado está inserido. Isso implica dizer que a língua é tomada como produto de diálogos entre os falantes, é um veículo de interação com o mundo e tem o propósito de ocultar questões ideológicas materializadas na linguagem (BRANDÃO, 2009).

Segundo Daróz; Santana; Azevedo; Silva (2014), ao propor análise de discurso, Pêcheux (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] (1997) lança mão de três disciplinas: Materialismo Histórico, a Linguística e a teoria do Discurso, atravessada por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica. Daí, conforme Orlandi (1987) surge a noção da AD ser considerada uma des-disciplina, já que é articulada nesses três regiões do conhecimento científico.

Ao desenvolver estudos em torno da AD aqui no Brasil, Orlandi (1999), realiza algumas modificações em torno das supracitadas concepções estabelecidas por Pêcheux, e retira a teoria do discurso, ampliando a noção da Linguística e acrescentando a

Psicanálise como filiação teórica. Nesta perspectiva, as regiões seriam: o Materialismo Histórico, mantendo-se a concepção anterior; a Linguística, constituída pela opacidade da linguagem, com seu próprio objeto de estudo (a língua) que, por sua vez, tem sua ordem própria; e, como terceira região, a Psicanálise, com a noção de sujeito da linguagem, que se constitui na relação com o simbólico. A pesquisadora define a AD como “teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação. Partindo da constituição simbólica do homem, da busca (inevitável) de sentidos situando as práticas de linguagem no eixo tempo-espço” (ORLANDI, 1987, p.12).

Ao argumentar sobre o objetivo da Análise do Discurso, Orlandi (2005), menciona que a AD toma a linguagem como mediadora indispensável entre o homem e o meio social e natural em que vive, assim, não considera a língua como um sistema abstrato, mas como método de interação. Diante dessa perspectiva, vemos que o discurso é o meio pelo qual o processo de interação verbal se concretiza, ou seja, “ele é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 1999, p.15). Enquanto instrumento teórico-metodológico, a AD permite analisar as tramas do dizer, ressignificando o ensino, a partir de novas condições de produção das práticas pedagógicas: descentrando as normas e trabalhando os modos de produção, negociação e instituição ou exclusão dos sentidos, garantindo, no interior da luta de classes, espaço para a circulação de sentidos outros.

Sobre a identidade coletiva Neopentecostal, conforme Oliveira; Pires (2005), essa realidade se caracteriza por adaptar-se ao aspecto identitário da sociedade do consumo, abolindo restrições aos usos de roupas, cosméticos, antes presentes no pentecostalismo clássico. Os autores propõem a eclesiologização da sociedade, tendo como meta a cura da nação, se inserindo no âmbito político. Afirmam que a saúde só se realiza no ato de consumo (suplementos alimentares, academia) e que a ausência de doença é garantia da presença de Deus (Oliveira; Pires, 2005).

Já acerca da espiritualidade neopentecostal, Mariano (1999a) acredita que a manutenção da saúde só se concretizará no momento da posse/entrega espiritual ao transcendente, se eliminando qualquer forma de sofrimento. Caso não alcance a benção almejada, é porque faltou fé.

Com o surgimento da TP, ainda na década de 40 que se configurou como movimento doutrinário na década de 70, encontrou amparo para se difundir em alguns

grupos evangélicos, acentuando a adaptação à sociedade do consumo numa perspectiva utilitarista, quase mercadológica, onde o alcance das bênçãos está atrelado ao valor pago nas ofertas e dízimos. Tendo como líder Kenneth Hagin, o movimento de confissão positiva, ideologia imanente à TP, também se cristaliza como elemento determinante para o alcance de bênçãos. Aquela se caracteriza pelo imperativo de exigir as bênçãos de Deus, mas tendo a certeza que elas serão alcançadas mesmo que não perceptíveis ainda no plano material (MARIANO, 1999b).

As promessas proferidas pelos pastores consistem em saúde perfeita, felicidade, prosperidade material, vitória sobre o sofrimento, triunfo sobre o Satã. No entanto, para a consecução de tais bênçãos é necessário, além da fé, o atendimento ao princípio da reciprocidade, cujo clichê é: *É dando que se recebe*. A conquista da bênção está condicionada à doação de dízimos e ofertas, de acordo com Mariano (1999c).

Em seus discursos, os pastores, tentando a adesão dos fiéis, afirmam que existe a lei de dar e receber e o dízimo é uma criação de Deus. Quem não dá, desobedece a lei divina e esta desobediência representa o pecado. Na TP, as duas principais formas do fiel mostrar sua fé é pagando dízimos e ofertas, como salienta Mariano (1999d).

Existe também o discurso por parte de alguns pastores que afirmam que se a oferta do fiel é inconstante, igualmente serão determinadas as graças alcançadas. A pobreza também significa falta de fé, pois Deus é um pai rico e amoroso e quer ver seus filhos ricos, prósperos e sadios (FIGUEIREDO; RIOS, 2007). No discurso neopentecostal quem não oferta é sofre ameaças de ser amaldiçoado é considerado oponente a Deus por não conceder o apoio financeiro à obra evangelística.

De acordo com Citelli (2004), no discurso religioso, o eu enunciativo não tem como ser interpelado, já que é uma realidade imaterial e, ao mesmo tempo, considerado a determinação de tudo. Existe, neste discurso, a ilusão de reversibilidade designado por Orlandi (2011). Como não se tem a possibilidade de estabelecer um processo de interlocução entre Deus e os fiéis existem a ilusão de estarem interagindo com Ele através de seus representantes como aqueles que falam a voz de Deus.

Ao atentarmos para alguns exemplos de discursos neopentecostais, em determinadas instituições religiosas, é notável a presença exacerbada de verbos no imperativo e uma forte tendência em promover a função emotiva, para que os fiéis

sintam-se imensamente comovidos, constrangidos e logo sejam convencidos para as ofertas e também possam superar o sofrimento de alguns desses fiéis presentes.

(...) “A sua prosperidade depende de você” (R.R. Soares *apud* Mariano, 1999, p. 159).

(...) Deus deseja ser nosso sócio (...) as bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: O que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer (MACEDO, 1990: 25, 85, 86 *apud* MARIANO, 1999, p. 161).

“É necessário dar o que não se pode dar. O dinheiro que se guarda na poupança para um sonho futuro, esse dinheiro é que tem importância, porque o que é dado por não fazer falta não tem valor para o fiel e muito menos para Deus” (EDIR MACEDO *apud* MARIANO, 1999, p. 170).

(...) “Só conseguiremos aquilo que falarmos” (Curso de lição IX as palavras *apud* Mariano, 1999, p. 154).

“Você não vai repetir o curso negativo”. “Você está aqui para mudar a história de sua família” (OLIVEIRA, PIRES, 2005, p. 97).

De acordo com Mariano (1999), os pregadores neopentecostais manifestam com naturalidade seu interesse financeiro e muitas igrejas não apresentam relatório financeiro aos fiéis, prestando contas do arrecadado e do aplicado.

O que leva estes fiéis a terem tanta certeza no recebimento das bênçãos? Partindo do princípio custo/benefício, muitas vezes, entregam tudo o que possuem. E quando pagam dízimos e ofertas e não alcançam as bênçãos proferidas, por que não se sentem explorados em sua grande maioria?

Partindo da premissa que o fundamento do discurso religioso é o pecado e a negação lhe é constitutivo, assim como o eixo de sustentação de tal discurso é o reforço da obediência ao sagrado, Vasconcelos, (2011) conduz o leitor a perceber a ancoragem encontrada por alguns pastores ao querer legisferar a respeito da entrega de dízimos e ofertas, criando a ilusão de ser Deus o enunciador que está pedindo (exigindo).

1. Formação Discursiva, (FD), Formação Imaginária (FIIm) e o poder do Interdiscurso na prática neopentecostal

A *priori*, é importante conceituar o que é Formação Discursiva (FD) e interdiscurso. O primeiro conceito, é considerado matriz de sentidos e elemento regulador do que ao sujeito é permitido ou não dizer, é a manifestação que aparece no discurso de uma determinada formação ideológica (LEANDRO FERREIRA, 2001).

Já em relação ao interdiscurso, é o conjunto das formações discursivas e trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito (LEANDRO FERREIRA, 2001). Os sujeitos que estão dentro de uma FD, conferem inconscientemente ao interdiscurso uma primazia sobre o seu discurso.

De acordo com Baungarther *et al*, (2012) os conceitos de céu e inferno ficam registrados no inconsciente e a formação interdiscursiva vai então dialogar com o discurso do sujeito. Este reproduz o discurso de uma das grandes formações ideológicas e em que está inserida, a igreja. Deus está situado num lugar de infalível eterno, infinito, todo poderoso e o povo fiel está num lugar de mortal, falível, finito, com poder relativo. Portanto, existe um desnivelamento entre Deus e o fiel. O locutor está no plano espiritual (Deus, Sujeito) e o ouvinte, no plano temporal (os sujeitos, homem). Destas instâncias de mundo totalmente distintas, onde a primeira domina a segunda, resulta a assimetria e a não reversibilidade, o que confere um maior autoritarismo ao discurso religioso (ORLANDI, 2011).

Ao fiel, apresentam-se dois caminhos:

ou segue as doutrinas empregadas pelos intermediadores de Deus em troca de uma “salvação”, ou adota um regime de vida desvinculado das ideologias divinas pregadas pelos representantes devidamente autorizados, cometendo, dessa forma, “pecados”, tendo como sanção o castigo. [...] (TORRESAN, 2007, p. 97).

Depreende-se que os fiéis que seguem as doutrinas que os porta-vozes de Deus pregam terão a salvação e irão para céu e os que destas se afastam serão castigados, irão para o inferno. Percebe-se a forte presença de uma formação discursiva referente aos conceitos dos dois espaços nocionais (céu e inferno) que atraem os fiéis para o discurso da salvação que consiste em ter fé e obedecer ao pagamento de dízimos e ofertas, no caso da igreja neopentecostal.

De acordo com Orlandi (2011), os discursos se classificam em lúdico, polêmico e autoritário. No lúdico, a relação entre o locutor e o interlocutor é dinâmica onde há troca de papéis, sendo bastante polissêmico, é o que acontece numa conversa

entre amigos. Já no discurso polêmico, a relação entre os interlocutores emerge uma menor interação e polissemia, pois existe a tomada de turno. Os sujeitos procuram direcionar sua opinião, como por exemplo, numa consulta médica, onde em determinado momento a voz deste profissional deve ser aceita e acatada já que é detentor de um saber ignorado pelo paciente (TORRESAN, 1997).

Em relação ao discurso autoritário, onde se insere o discurso religioso, existe uma completa restrição na relação dialógica entre os interlocutores, tendo no seu bojo, a ilusão de reversibilidade. O representante de Deus no discurso religioso está no lugar de que não é o mesmo de estar no lugar próprio. Em outros discursos, existe a retórica de apropriação que não acontece no discurso religioso. Por exemplo, o antes –aluno após a posse do diploma passará para o lugar de professor, o mesmo acontecendo com o político, o juiz, dentre outros. Através dessa apropriação, eles acabam se mesclando com o próprio saber com a justiça. No caso do discurso religioso, o Pastor, por exemplo, representa Deus, mas não se confunde com Ele. [...] “Essa, do meu ponto de vista, é expressão fundamental da não-reversibilidade. E daí deriva a “ilusão” como condição necessária desse tipo de discurso: o como se fosse sem nunca ser.” (ORLANDI, 2011, p. 253).

Se no processo de mistificação em que se insere o discurso religioso existem os elementos imagéticos, como o Diabo – que representa o pecado, e que intimida, existe também o céu, símbolo de salvação e se constitui um atrativo para os fiéis, não se desvencilharem dos dogmas e doutrinas pregadas. Partindo desse pressuposto, os fiéis em busca de bênçãos e salvação, conferem ao discurso do Pastor uma potestade singular como se ele fosse o pantocrator presente no Templo. O investimento financeiro realizado em relação a dízimos e ofertas não se descortina como risco e, sim, como investimento seguro, já que muitos doam tudo que têm, inclusive a própria casa, na esperança de ter um retorno centuplicado.

2. Analisando segmentos discursivos a partir de duas entrevistas

A seguir, para melhor compreendermos a proposta teórico-metodológica da AD, bem como mais de seus conceitos teóricos basilares, trataremos de analisar dois segmentos discursivos, extraídos de dois vídeos que circulam na mídia digital e correspondem a duas entrevistas. Sendo que, no primeiro, o Bispo Edir Macedo justifica a um jornalista, a ostentação presente em sua casa e o que está no cerne da TP. Já em

relação ao segundo, entra em cena o Pastor Caio Fábio, que faz críticas acirradas às práticas desenvolvidas em certas Igrejas, em particular, às IURD, instituições essas, conduzidas pelo mencionado Bispo.

Vídeo 1: Entrevista do Bispo Edir Macedo sobre ostentação e a TP.



Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7EG8jY9sb3E> Acesso em 23 de ab. de 2014.

Segmento discursivo I

- Edir Macedo (Bispo e Presidente da IURD): – Eu não sou estúpido, não sou irracional, sou um sujeito inteligente como todos nós somos... E Deus é infinitamente inteligente. Ele sabe que a toda ação há uma reação (Lei criada por Deus), (...) eu não poderia servir a um Deus tão grande e viver uma vida tão desgraçada. Se o meu Deus é meu pai e ele é rico, por que eu vou ser miserável e pobre? Tem fundamento, tem sentido, um pai rico e os filhos miseráveis?! Onde já se viu?
- Jornalista (Paulo Henrique Amorim): – Esta é a estrutura, a estaca que sustenta o edifício do que o senhor chama de Teologia da Prosperidade?
- Bispo (Edir Macedo): – Bom, na Teologia da Prosperidade, sim, claro.

Do ponto de vista discursivo, o segmento discursivo não tem ponto final nem começo absoluto (ORLANDI, 2001) fazendo ecoar, alguns efeitos de sentidos inscritos na formação discursiva de determinado sujeito.

Analisando a parte sublinhada, percebe-se que o Pastor se inscreve numa formação discursiva religiosa que regula o que pode e deve ser dito em função da posição sujeito que ocupa. Neste discurso evangélico que promete, dentre as bênçãos, a prosperidade material, o Bispo se ancora numa pseudointerdiscursividade com o

sagrado, para justificar seu poder aquisitivo e seu conforto, asseverando também que Deus desfruta de tal riqueza.

Considerando que o discurso evangélico é determinante de muitas ideologias na sociedade e que o efeito polissêmico presente no discurso religioso é, ao mesmo tempo, tendente à monossemia, pois é autoritário, incompleto e o seu sentido é intervalar. Constitui-se não só por rupturas em processos de significação, mas também repetição de sentidos e estes são abertos e mesmo não evidentes, além de produzirem um efeito de evidência, então, logo os fiéis facilmente aderem a esta prática discursiva.

Segundo Gallo; Lanza (2009), a IURD é um exemplo de instituição que, por meio da sua influência religiosa e dos seus poderes econômico e político, bem como pela utilização dos meios de comunicação, soube explorar o meio cultural e socioeconômico em que estava inserida. Tais instituições são diferentes de outras igrejas como a Católica e/ou algumas protestantes, por exemplo, uma vez que,

não oferecem ensinamentos doutrinários. Ela vislumbra a realização dos desejos terrenos por meio de Deus, exibindo de todas as maneiras, testemunhos, milagres, bênçãos e curas. A utilização dos canais de TV e rádio para tais fins funcionam perfeitamente como meio de atração (GALLO & LANZA, 2009, p.04).

O sujeito interpelado por essa ideologia religiosa constitui a sua forma-sujeito situada historicamente garantindo seu processo de individualização e pertencimento a determinado grupo religioso, aderindo a todos os seus preceitos e dogmas. Isto justifica adesão, a oferta de dízimos e ofertas, em sentido *lato* como um investimento sem riscos.

Vídeo 2: Pr. Caio Fábio critica a prática religiosa do Bispo Edir Macedo



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16HFzkkmZZI>. Acesso em 23 de abr. 2014.

Segmento discursivo II

[...] – Ele já me disse (diz o Pastor Caio Fábio, referindo-se a um discurso proferido pelo então, Bispo e Presidente da IURD) – a gente faz isso porque o povo brasileiro é pagão e a gente tem que usar o paganismo para alcançá-los (Bispo Edir Macedo).

Pastor (Caio Fábio) – Só que ele alcança-os com o paganismo, mas Jesus nunca mandou alcançar ninguém com o paganismo, alcança para fazê-los duas vezes mais pagãos do que eram, só que agora são pagãos em nome de Jesus.

Percebe-se que os efeitos de sentidos são produzidos pelos sujeitos em interlocução e de acordo com o lugar sócioideológico de quem enuncia. Apesar do Pastor Caio Fábio também ser evangélico, compreende que a prática da TP está totalmente subvertida da sua essência. Ele se aporta no discurso transversal para colocar em cena que a prática desenvolvida na Igreja de Edir Macedo em nada se desvencilha do mundo intramundano consumista apartado dos reais preceitos do que é pregado por Deus, já que a este nada financeiro interessa, já a Igreja não deve ser vista como sinônimo de exploração e alienação dos fiéis.

A forma-sujeito “fiéis” esquece e absorve que o interdiscurso religioso presente no seu intradiscurso tem uma primazia sobre o seu próprio discurso, aparecendo este interdiscurso como já dito pelo intradiscurso. A posição sujeito ocupada pelo Pastor confere legitimidade ao seu discurso, e, apesar dos sentidos serem moventes e deslizarem de uma posição discursiva a outra, existe uma censura no discurso do Bispo Edir Macedo e outros pastores que trabalham no mesmo viés de circulação de sentidos em outra direção que não seja proferida por ele, dando a entender que o sentido é único.

O discurso do Bispo Macedo, como todo discurso religioso possui a propriedade de não reversibilidade dado a natureza assimétrica entre os planos espiritual e temporal. Existe a ilusão de reversibilidade, já que não se pode falar com Deus, mas sua voz é plasmada no discurso de seus representantes, neste caso o Pastor. Percebe-se dentre as marcas desses segmentos discursivos a antítese, quando o Bispo assevera ser inteligente como Deus e não burro e quando afirma que Deus é rico como poderia querer ver seus filhos pobres.

Observa-se também a retórica da denegação, como afirma Orlandi (2011), que nesta situação, é a negação do negativo, ou seja, a pobreza. Em seu discurso está o enlevo que se refere à identificação com objetivos divinos, como afirma e nessa fala o propósito divino é ser rico. Como todo discurso religioso, este é autoritário, tendente à monossemia, dado que não existe um tipo único de discurso e sim um amálgama, com a dominância de um. É autoritário visto que a reversibilidade, interlocução tende a zero, pois só o pastor fala na igreja, ou seja, "a voz de Deus fala" e deve ser obedecida. O milagre é a certeza da ilusão de reversibilidade, e na fala do religioso está silenciado o que é necessário para se conseguir este milagre além da fé, a oferta de dízimos em que seu valor está atrelado à quantidade de bênçãos que deseja receber (ORLANDI, 2011).

Conclusão

O discurso religioso aparece com efeito de completude, tentando harmonizar diferentes vozes em busca de uma unidade, que nunca acontecerá, já que a linguagem se constitui pela falta, por equívocos, o que dá margem a deslizamentos de sentidos. Através da memória discursiva, que é o recorte do interdiscurso e um repositório de sentidos, os dizeres se atualizam no momento da enunciação e há uma retomada do já dito, onde fala uma voz sem nome, de forma que o discurso do próprio sujeito sempre será secundarizado em virtude do espaço e relações discursivas em que o sujeito se encontra.

Considerando que para se compreender um discurso é necessário se situar no momento histórico social onde o sentido e o sujeito são constituídos pela ideologia enquanto os sentidos moventes não deslizarem para outra formação discursiva, os fiéis que aderem ao neopentecostalismo e especificamente à TP, como é proferida por pastores que possuem o mesmo viés do supracitado Bispo, não deixarão a formação discursiva em que se inscreveram, pois ainda não emergiu o sentido de possível exploração a que podem estar submetidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA VASCONCELOS, Edite Luiza. **Caminhando sobre águas: O funcionamento da negociação no discurso religioso.** Porto Alegre, 2011.

BAUMGARTHER, Carmen; *et al.* A análise do discurso na tirinha da personagem "Mafalda". V. 3, nº 1 São Paulo, jan/jul, 2012.

BRANDÃO, Helena. Nagamine. Analisando o discurso. Disponível em: http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf. Acesso em 07 de dez. de 2013.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo; NASCIMENTO RIOS, Clauberson Soares. O neopentecostalismo e os novos discursos religiosos contemporâneos. Labore. Laboratório de estudos contemporâneos. Polêmica. Revista eletrônica. Rio de Janeiro: 2007: Disponível em: http://www.polemica.uerj.br/pol20/oficinas/artigos/lipis_4.pdf. Acesso em: 08/06/2014.

DARÓZ, Elaine Pereira *et al.* Sobre Michel Pêcheux e a análise do discurso. In: BARROS *et al* (Orgs.). **Ensino, texto e discurso**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**. Análise de discurso, Instituto de letras, UFRGS. Porto alegre, 2001.

GALLO, Fernanda Vendramini; LANZA, Fábio. A teologia da prosperidade na igreja universal do reino de deus. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/a teologia da prosperidade na igreja a universal do reino de deus.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/a%20teologia%20da%20prosperidade%20na%20igreja%20universal%20do%20reino%20de%20deus.pdf). Acesso em 23/04/14.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo: Loyola, 1999.

OLIVEIRA, Cláudio Ivan de; PIRES, Anderson Clayton. A cura integral (psicofísica) no neopentecostalismo brasileiro. Uma acomodação ao discurso sobre saúde e doença na sociedade pós-moderna de consumo. V. 19, nº 29, dez, 2005.

ORLANDI, Eni Punicelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

_____, **As formas de silêncio**. No movimento dos sentidos. 6. Ed. São Paulo, 2005.

_____, **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. 6. Ed. São Paulo: Pontes 2011.

TORRESAN, Jorge Luís. A manipulação no discurso religioso. São Paulo: set 2007, p.95-105. Disponível em: http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/dialogia/dialogia_v6/dialogia_. Acesso em: 14/06/2014

Entrevista do bispo Edir Macedo ao jornalista Paulo Henrique Amorim sobre a TP Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7EG8jY9sb3E>. Acesso em 23 de ab. de 2014.

Edir Macedo esta com medo de morrer. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=16HFzkkmZZI>. Acesso em 23 de ab. de 2014.